

(DESA)PRENDER O TEMPO

Manuela Parreira da Silva

O conhecimento é um meio de chegar de novo ao não-conhecimento.

Novalis

dobra

Esquecer é preciso. Esquecer-se, penetrar, todos os dias, o abismo da noite. Cair no sono – reparador, diz-se: «Sagrado sono, não sejas avaro de teus benefícios para todos os que nesta jornada terrena se consagram à Noite», implora Novalis, no seu segundo *Hino à Noite* (1992: 23), «O sono, eu sei, não resolve nenhum problema, mas desarmará o problemático», reconhece Sloterdijk (2008:193). Cair no sono e retirar-se do mundo, deixar de ver e de ser visto, não *comparecer* à dura realidade, depor a máscara, desprender-se, desaprender o tempo, *desnascer*.

Cair no sono é ceder à gravidade, ao «sem fundo» do umbigo, é «Voltar à situação pré-natal, a estar imerso dentro de algo imenso, escuro, invisível, voltar à cegueira inicial, à invalidez congénita», no dizer de Maria Zambrano (1994: 56). Porque, «O fenómeno do sono é o fenómeno de uma ocultação» (*ibid*: 32) e, por ser ocultação, é, no ser humano, sinónimo de queda.

Dormir é queda no vazio, suspensão iniciática da «vida discursiva», de que se ressuscita Outro, no estranhamento do mundo. Acordar é, pois, levantar-se, nascer de novo, cada manhã, reaprendendo o corpo, a fala, o olhar.

Da síncope da noite, nos fala Catherine Clément: desse intervalo em que se desaprendem os contornos, os limites, as distâncias, e os gestos, os nomes, a cor da pele, desse intervalo em que somos roubados, espoliados de nós, num raptó, num arrebatamento (*ravisement*), em que nos esquecemos de ter dono ou abdicamos de ser escravos, num despojamento total.

«Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços

E chama-me teu filho.

Eu sou um rei

Que voluntariamente abandonei

O meu trono de sonhos e cansaços.

(.)

Despi a realeza, corpo e alma
E regressei à noite antiga e calma
Como a paisagem ao morrer do dia.»

escreve Fernando Pessoa no seu poema «Abdicação» (2005: 429). Álvaro de Campos, de algum modo, repete:

«Vem, Noite antiquíssima e idêntica,
Noite Rainha nascida destronada,
Noite igual por dentro ao silêncio, Noite
Com as estrelas lantejoulas rápidas
No teu vestido franjado de Infinito.

(.)

Vem e embala-nos,
Vem e afaga-nos,
Beija-nos silenciosamente na fronte,

(.)

Vem, cuidadosa,
Vem, maternal,
Pé ante pé enfermeira antiquíssima, que te sentaste
À cabeceira dos deuses das fés já perdidas,

(.)

Vem, Noite silenciosa e extática,
Vem envolver na noite manto branco
O meu coração.

(.)

Quando tu entras baixam todas as vozes,
Ninguém te vê entrar,

Ninguém sabe quando entraste,
Senão de repente, vendo que tudo se recolhe,
Que tudo perde as arestas e as cores,
(.)» (2002: 91-94)

Assim se exprime, nas vozes dos poetas que conhecemos e, porventura, dos que não conhecemos, o desacordo do homem consigo mesmo e o seu desejo, por vezes sem esperança, de um acordo fusional com a Mãe – «Pois não havia ela [a noite] de regressar para junto dos seus filhos, que a esperavam há muito com a fé da inocência?», escreve também Novalis (1998: 19) – que é, afinal, a busca de um consolo para o excesso de ser-só num mundo gasto, adoecido, que é a necessidade de experimentar o vazio, o não-ser, para aprender a ser de novo.

«Au fond du connu est tapi l'inconnu, là où l'esprit capitule. [No fundo do conhecido aninha-se o desconhecido] // Le vide a, pour ouverture, l'inconnu. [O vazio tem por abertura o desconhecido]», escreve outro poeta, Edmond Jabès (1991: 52-55).

A noite é a porta escancarada para o desconhecido, para o mistério: «Glória à rainha do mundo, à grande mensageira de mundos sagrados», canta ainda o romântico alemão (1998: 21). Ela convida a que entremos, a que revisitemos a casa original, a casa de ninguém, um não-lugar, ou melhor dito, um não-tempo, antes do princípio, antes da luz, onde nada se sabe ou tudo deixa de se saber.

Da «noite de não-saber», fala Georges Bataille, da coragem de aceitar perder a identidade, de regressar à inocência (ou à ignorância), de ficar nu, subtraindo-se ao manto pseudo-protector do conhecimento (que é, afinal, aquilo de que é feita a própria existência), de permanecer imóvel, recusando a salvação, enquanto meta do projecto humano. Porque, diz o pensador dos extremos, o projecto ou a acção é o cárcere de que é necessário fugir. O êxtase ou a experiência interior (*vulgo* mística, mas sem Deus) de não-acção, de despossessão é a saída, o segredo: «le non-savoir communique l'extase» (2015: 73).

Êxtase - «orgasmo do Eu» (como lhe chama Winnicot) -, interrupção, fenda abrindo para o Céu ininteligível, para o Nada desconhecido. «Ó Nada desconhecido, ó nada desconhecido!», clamava Santa Ângela de Foligno, na hora extática da agonia.

[«O encanto do desconhecimento, ao qual o inefável se reduz, é também a fonte encantada de todo o conhecimento: nesse encanto se dissimulam o incognoscí-

vel que faz conhecer, o irracional que descongela o saber, o mistério, enfim, que dá sentido ao inteligível. A doura insciência do inefável não será, afinal, aquilo a que se chama gnose?», lembra Jankelevitc (1977: 89).]

Imobilidade extática, silêncio, arrebatamento do corpo e da alma – na noite, morrem o tempo e o espaço. Esta é, porém, uma «morte» passageira, aparente, simulacro apenas da outra morte, da morte absoluta, que é, digo, a grande, a única verdadeira radical desaprendizagem.

No hiato temporário das trevas, «em contacto com o vazio ardente / que envolve todos os contrários numa afirmação silenciosa / (.) / em que ser é como não ser e não ser como ser», no dizer poético de António Ramos Rosa (1988: 44), acontece, por vezes, a comunicação. É assim que «um canto nascerá da ignorância acesa» (*ibid.*: 22), pois

«Toda a ignorância saboreia as substâncias escuras
que nascem para a claridade do fundo de si mesmas» (*ibid.*: 15)

Ou que «durante a noite um chacal ronda o limite das imagens – uiva por dentro da pele deixando pegadas na chamejante madrugada», como escreve Al Berto (2005: 617).

É na obscuridade, na pausa do pensamento e do mundo em nós, que principiam a luz e a linguagem e o mundo pode voltar a despontar, rejuvenescido. Esse é o lugar e o instante de desaprender as palavras opacas, de resgatar as palavras perdidas, mas também de inventar novas palavras, mais transparentes, mais rigorosas, exactas, capazes de dar sentido ao ser-aí. Esse é o momento em que apetece amanhecer, mas em que corremos o risco de nos afundar para sempre no desespero. Despertar é preciso.

Na noite, espelho do (im)possível não-saber, ocorre ficarmos indefesos, à mercê de todos os sonhos, de todas as feras, de todos os perigos. «Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe», confessa Clarice Lispector:

«Perigo de mexer no que está oculto – e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. (.) Mergulho enfim em mim até o nascedouro do espírito que me habita. Minha nascente é obscura. (.) Na verdade o pré-pensar é que

nos guia, pois está intimamente ligado à minha muda inconsciência. (.) Às vezes a sensação de pré-pensar é agônica: é tortuosa criação que se debate nas trevas e que só se liberta depois de pensar – com palavras.» (2012: 13, 15-16)

É deste modo que urge, muitas vezes, a poesia (a arte), «tortuosa criação», forjada no Caos, fundada no Nada – obra ao negro, silêncio interrompido, refazendo os traços e os sons do tempo, do dia imperfeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Al Berto (2005), *O Medo – Trabalho poético 1974-1997*, 3ª edição, Lisboa: Assírio & Alvim,
- Bataille, Georges (2015), *L'expérience intérieure*, Paris: Gallimard,
- Campos, Álvaro de (2002), *Poesia*, edição de Teresa Rita Lopes, Lisboa: Assírio & Alvim,
- Clément, Catherine (1990), *La Syncope – philosophie du ravissement*, Paris: Bernard Grasset,
- Jabès, Edmond (1991), *A Obscura Palavra do Deserto – uma Antologia*, selecção e tradução de Pedro Tamen, Lisboa: Edições Cotovia,
- Lispector, Clarice (2012), *Um Sopro de Vida (Pulsações)*, Lisboa: Relógio D'Água Editores,
- Jankelevitch, Vladimir (1977), *La Mort*, Paris: Flammarion,,
- Novalis (1998), *Os Hinos à Noite*, prefácio e tradução de Fiana Hasse Paisd Brandão, Lisboa: Assírio & Alvim,
- Pessoa, Fernando (2005), *Poesia (1902-1917)*, edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine, Lisboa: Assírio & Alvim,
- Rosa, António Ramos (1988), *O Livro da Ignorância*, Ponta Delgada: Signo,
- Sloterdijk, Peter (2008), *O Estranhamento do Mundo*, tradução de Ana Nolasco, Lisboa: Relógio D'Água Editores,
- Zambrano, Maria (1994), *Os Sonhos e o Tempo*, tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Lisboa: Relógio D'Água Editores.